



### **3d. AMIZADE E INTEGRAÇÃO SOCIAL DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS LATINO-AMERICANOS EM OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA – Agnaldo Garcia (UFES)**

O objetivo deste trabalho foi descrever a composição das redes de amigos, a formação de amizades e o papel de amigos de estudantes de outros países da América Latina no Brasil. Cem estudantes de 14 países, incluindo Colômbia, Peru, Argentina, Paraguai, México, Venezuela, Equador, Honduras, Nicarágua, Chile, República Dominicana, Bolívia, Costa Rica e Uruguai responderam a um questionário sobre suas amizades. No total, foram citados 768 amigos, sendo 469 da mesma nacionalidade do estudante, 188 brasileiros e 111 de outras nacionalidades. Os compatriotas que vivem em seu país de origem foram o maior grupo (331), seguidos pelos brasileiros que moram no Brasil (182), compatriotas no Brasil (85) e outros estrangeiros no Brasil (80). A maioria dos estudantes relatou amizade com pelo menos um brasileiro no país de destino (73%) e 97% procuraram fazer amigos no país de destino, desenvolvendo amizades com brasileiros (89%), pessoas de outros países (78%) e compatriotas no Brasil (63%). As principais dificuldades em desenvolver amizades com os brasileiros foram o idioma (37%) e diferenças culturais (27%). O apoio recebido dos amigos foi reconhecido por 96% dos alunos e ter amigos no país de destino foi considerado importante ou muito importante por 95% dos participantes. Pode-se concluir que esses alunos apresentam uma rede diversificada de amigos em termos de nacionalidade e local de residência. No Brasil, eles citaram mais amigos brasileiros do que compatriotas e outros estrangeiros, indicando que o conceito de homofilia não é suficiente para explicar a composição da rede de amigos.

**Palavras-chave:** Amizade; Estudantes Internacionais; América Latina

**E-mail de Contato:** [agnaldo.garcia@uol.com.br](mailto:agnaldo.garcia@uol.com.br)

### **SIMPÓSIO 4. DESENVOLVIMENTO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE BIOLÓGICA E PSICOSSOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA A PRÁTICA PSICOLÓGICA - Ana Cristina Barros da Cunha (Instituto de Psicologia; Maternidade-Escola; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)**

Contextos de vulnerabilidade são fatores de risco que representam estressores importantes, com impactos no desenvolvimento humano. Fatores individuais (riscos biológicos, como as malformações congênitas ou a hospitalização) e contextuais (riscos psicossociais, como a violência e a ruptura familiar por divórcio) podem repercutir negativamente no desenvolvimento. Os mecanismos de proteção podem minimizar os impactos, mas crescer em contextos de vulnerabilidade merece atenção de psicólogos clínicos e pesquisadores. Residem aqui a importância das medidas de prevenção e de promoção do desenvolvimento nessas condições, em consonância com os desafios da nossa sociedade. Nessa perspectiva, este simpósio se propõe a discutir sobre o desenvolvimento em contextos de vulnerabilidade biológica e psicossocial a partir de pesquisas que analisaram fatores de impacto ao desenvolvimento, que desafiam a prática psicológica. Serão apresentadas comunicações de pesquisadores de universidades de quatro estados brasileiros. A Comunicação 1 discutirá a hospitalização infantil como



condição de risco ao desenvolvimento. Na Comunicação 2, discute-se como uma condição de risco biológico decorrente da recente epidemia por vírus Zika pode ter impacto na formação dos laços afetivos entre mãe-bebê, com repercussões no desenvolvimento infantil. Os fatores contextuais serão discutidos na Comunicação 3 (violência contra criança) e na Comunicação 4 (divórcio), considerados como estressores que afetam o desenvolvimento infantil e que podem ser mediados pelo enfrentamento e práticas parentais positivas. Tem-se, assim, uma oportunidade de discussão e reflexão sobre alguns dos desafios que o desenvolvimento da criança e de adolescentes enfrenta no contexto contemporâneo, auxiliando na prática psicológica de profissionais de Saúde e Educação.

**Palavras-chave:** vulnerabilidade; desenvolvimento infantil; riscos biológicos e psicossociais; prática psicológica

**E-mail de Contato:** [acbcunha@yahoo.com.br](mailto:acbcunha@yahoo.com.br)

**SIMPÓSIO 4a. CRIANÇAS HOSPITALIZADAS E VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS: ALGUMAS RELAÇÕES** - Tatiane Lebre Dias (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil) Rauni Jandé Roama Alves (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil) Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil).

Este estudo investigou as relações entre variáveis psicológicas, como estresse, problemas de comportamento, temperamento e risco psicossocial familiar, em crianças hospitalizadas. Participaram 20 crianças, entre 5 e 7 anos (Idade = 5,75;  $\pm$  0,85), internadas em hospital público de Cuiabá/MT, por condição crônica de doença ou em investigação diagnóstica, e seus cuidadores. Foram aplicados individualmente: i. nas crianças: medida de cortisol salivar (manhã e tarde), para avaliação do estresse fisiológico; ii. nos pais/cuidadores: a) Psychosocial Assessment Tool (PAT 2.0), para avaliação do risco psicossocial familiar, classificado em: “clínico” (alto), “alvo” (médio) e “universal” (leve); b) Child Behavior Checklist for Ages 1½-5 (CBCL-1½-5 anos) ou Child Behavior Checklist (CBCL-6-18 anos), para problemas de comportamento; c) Child Behavior Questionnaire (CBQ), para o temperamento. Análises estatísticas descritivas e inferenciais (não-paramétricas; ao nível de significância de  $p \leq 0,05$ ) mostraram: a) indicadores de estresse, no cortisol à tarde ( $n = 5$ ); b) risco psicossocial familiar médio (alvo) ( $n = 12$ ); c) perfil “clínico” para problemas de comportamento ( $n = 14$ ). Houve correlações significativas: a) positiva, entre risco psicossocial familiar (problemas do paciente) e temperamento (afetividade negativa); b) negativa, entre idade e cortisol à tarde. Conclui-se que os problemas comportamentais e de saúde da criança associados a características de temperamento menos adaptativas contribuem para o risco psicossocial familiar, dificultando os cuidados parentais e o estado de saúde, especialmente para as crianças mais novas, que apresentaram mais indicadores de estresse. Intervenções com as famílias poderiam diminuir os riscos ao desenvolvimento dessas crianças hospitalizadas.



**Palavras-chave:** 1) Crianças, 2) Hospitalização; 3) Problemas de Comportamento.  
**E-mail de Contato:** [acbcunha@yahoo.com.br](mailto:acbcunha@yahoo.com.br)

**SIMPÓSIO 4b. LAÇOS AFETIVOS MÃE-BEBÊ EM CONDIÇÃO DE RISCO BIOLÓGICO E DESFECHOS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL** - Ana Cristina Barros da Cunha (Instituto de Psicologia; Maternidade-Escola; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ; Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil); Karolina Alves Albuquerque (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil); Evelyn da Silva Moreira Guimarães (Instituto de Psicologia; Maternidade-Escola; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil); Luciana Ferreira Monteiro (Maternidade-Escola; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

Página | 81

A interação e o laço afetivo construído entre a mãe e seu bebê são bases importantes para o desenvolvimento infantil. Considerando que malformações congênitas afetam esse vínculo, verificou-se se a infecção por vírus Zika na gravidez e seu possível desfecho de microcefalia (MC) podem repercutir na vinculo afetivo entre mãe-bebê e para o desenvolvimento infantil. Com um delineamento transversal, com 9 mães diagnosticadas com Zika na gravidez, e seus bebês, quatro deles com MC, foi analisado o laço afetivo e riscos para o desenvolvimento pelos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil-Questionário (IRDI-Q) e o desenvolvimento infantil, pela versão adaptada do Battelle Developmental Inventory, 2nd ed. (BDI-2). As análises descritivas e correlacionais ( $p \leq 0,05$ ) mostraram menores médias de indicadores de risco ao desenvolvimento para os casos de MC ( $M=57,25$ ) comparadas as sem MC ( $M = 29$ ). O Quociente de Desenvolvimento (QD) pelo BDI-2 das crianças com MC foi inferior ( $QD = 68,3$ ) das sem MC ( $QD=98,6$ ). Houve correlação negativa significativa entre IRDI-Q e QD global ( $r = -0,90$ ), especialmente nas áreas comunicativa ( $r = -0,98$ ) e pessoal-social ( $r = -0,88$ ), indicando que quanto maior o risco ao desenvolvimento por dificuldades no laço afetivo, menor foi o desempenho infantil, e vice-versa. Os laços afetivos mãe-filho sofrem influência das condições biológicas do bebê, podendo afetar o desenvolvimento infantil. Medidas de atenção precoce, para a prevenção do impacto de riscos na formação dos laços afetivos, são fundamentais para garantir um melhor desenvolvimento, especialmente em epidemias que afetam precocemente a díade mãe-bebê.

**Palavras-chave:** relação mãe-filho; laço afetivo; desenvolvimento infantil; microcefalia.  
**E-mail de Contato:** [acbcunha@yahoo.com.br](mailto:acbcunha@yahoo.com.br)

**SIMPÓSIO 4.c. EFEITOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-MOTIVACIONAL E SOCIAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: PRÁTICA EDUCATIVA PARENTAL COMO MEDIDA DE PREVENÇÃO** - Erika da Silva Ferrão (Programa de Mestrado Profissional em Segurança Pública, Universidade de Vila Velha, Vila Velha, ES, Brasil); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Pontifícia